

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PARINTINS, AM

2017

KAREN SERGILENE MARQUES GOMES

**A LOUCURA COMO ELEMENTO DIALÓGICO EM *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA* DE MIGUEL DE CERVANTES E EM *O ANDALUZ* DE WILSON NOGUEIRA.**

Trabalho apresentado à Universidade do Estado do Amazonas(CESP/ UEA), Curso de Licenciatura em Letras, para obtenção de nota na disciplina de Produção Acadêmica em Letras III, sob a orientação da Prof. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia.

PARINTINS, AM

2017

KAREN SERGILENE MARQUES GOMES

**A LOUCURA COMO ELEMENTO DIALÓGICO EM *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA* DE MIGUEL DE CERVANTES E EM *O ANDALUZ* DE WILSON NOGUEIRA.**

Trabalho apresentado à Universidade do Estado do Amazonas(CESP/ UEA), Curso de Licenciatura em Letras, para obtenção de nota na disciplina de Produção Acadêmica em Letras III, sob a orientação da Prof. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia (Presidente)

---

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (Membro)

---

Prof. Msc. Dilce Pio Nascimento (Membro)

PARINTINS, AM

2017

*Dedico à todos os loucos que com sua loucura modificaram a história.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha irmã que sempre me apoiou e me deu forças quando eu me senti desencorajada, à minha mãe que me ensinou a nunca desistir, ao meu pai que ao fim do curso me deu suporte, aos meus amigos Wesley, Roney, Samara e Elizangela que me acompanharam nas madrugadas de estudos, à Thaís pelo apoio ao longo da minha graduação, à Letícia por ter sido nesses três últimos meses meu anjo da guarda, à Prof. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia pelas orientações e por enriquecer o meu trabalho.

## RESUMO

Como tema recorrente em obras literárias a temática da loucura encontra-se presente em diversas obras, de forma a perpassar os séculos. Esse estudo trabalhou as obras *Dom Quixote de La Mancha* (2002) de Miguel de Cervantes e *O Andaluz*(2005) de Wilson Nogueira com o objetivo de evidenciar a temática loucura na composição literária e posteriormente compará-las, pois em uma perspectiva dialógica procura-se mostra suas semelhanças e diferenças. Adverte-se que essas obras são de períodos distintos sendo a obra de Cervantes renascentista e de Nogueira contemporânea. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica é o palco onde os autores e teóricos como Bakhtin(2010), Luiza de Maria(2005), Foucault(1978), Machado de Assis(1994), Cervantes(2002) e Nogueira(2012), irão expressar suas ideias sobre o objeto desta pesquisa. O método da pesquisa é dialético, pois ao buscar compreender a loucura como forma em sua historicidade e construção, principalmente no campo da literatura, a visão dialética propõe um estudo dinâmico e de interação entre diferentes pensamentos acerca de uma só temática, a loucura.

**Palavra-chave:** *Dom Quixote, O Andaluz, Dialogismo, Loucura.*

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. CONCEPÇÕES SOBRE A LOUCURA NA IDADE MÉDIA E NO RENASCIMENTO .....	12
1.1 HISTÓRIA LITERÁRIA DA LOUCURA .....	16
1.2. A LOUCURA COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO LITERÁRIA .....	18
2. A LOUCURA COMO ELEMENTO DIÁLOGICO EM <i>DOM QUIXOTE</i> DE MIGUEL DE CARVANTES E EM <i>O ANDALUZ</i> DE WILSON NOGUERIA.....	28
2.1 A LOUCURA NO PERSONAGEM ANDALUZ E EM <i>DOM QUIXOTE</i> .....	33
2.2 A REPRESENTAÇÃO DO NAU DOS LOUCOS EM <i>DOM QUIXOTE</i> E EM <i>O ANDALUZ</i> . .....	39
2.3 LALINA E O LUNATISMO .....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS .....	46

## INTRODUÇÃO

Em experiências vivenciadas no projeto de iniciação científica no ano de 2015/2016 intitulado “Mitopóetica e o Romanesco no Baixo Amazonas” financiado pela FAPEAM, a pesquisadora teve uma relação direta com as escrituras romanescas do escritor Wilson Nogueira. A partir deste contato a obra *O Andaluz* apresentou-se inserida em uma tradição literária recorrente nos mais diversos estilos e momentos da cultura ocidental: a tradição temática da loucura. Assim, o tema da loucura torna-se uma constante para a problematização deste trabalho a partir da leitura da obra de Wilson Nogueira. Considera-se ainda o fato da obra do escritor parintinense não ter sido alvo da crítica literária, uma vez que estudos sobre ele são raríssimos.

O tema da loucura no campo literário tem como marca a genial obra renascentista *Dom Quixote de La Mancha* (1615) de Miguel de Cervantes em que o personagem principal é considerado louco, pois como observa Maia, “[...] influenciado pelo humanismo tolerante e crítico de Erasmo, CERVANTES fez uma criação crítica e uma crítica criadora.” (2006, p. 88). Nesse sentido, é preciso compreender os aspectos da loucura que constituem a obra de Cervantes, já estudado por autores, entre eles, Georges Lukács e Linda Hutcheon e a partir disso busca-se relacioná-las com a obra de Wilson Nogueira, *O Andaluz*, pois numa primeira leitura é possível observar que ela possui pontos de contato com Cervantes, embora não apresente ainda estudos específicos sobre essa relação.

[...] se há um espaço que dizeres novos podem ser construídos porque, mesmo tomando como referência com o já—dito, refletem sobre a singularidade de dados que não tenham se tornando ainda objeto de análise (BARTOZZO, 2014, P. 147)

Através de uma análise mais consistente pretende-se encontrar aspectos da temática da loucura em *O Andaluz* com o intuito de dar visibilidade à obra do autor. Além disso, a pesquisa propõe um estudo comparativo entre as obras citadas, considerando principalmente a leitura da loucura.

Ao colocar-se em discussão a temática da loucura, percebe-se que ela possui diversas vertentes e que a cada século ela vai se modificando. Um dos principais discursos sobre a loucura são os estudos de Bakhtin sobre a Idade Média e o Renascimento em *A cultura popular na Idade Média e Renascimento: o contexto de Rabelais* (2008). Nessa obra que aborda os ritos carnavalescos, a loucura é utilizada como um componente das

festas burlescas da cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O rito paródico veio da Literatura cômica latina para a cultura medieval, mas vale ressaltar que esse tipo de texto só “[...] teve à sua apoteose durante o apogeu do Renascimento, com o *Elogio da Loucura* de Erasmo (uma das criações mais eminentes do riso carnavalesco na literatura mundial)” (2008, p. 13). Nessa obra, a loucura encontra-se em relação com as festas burlescas.

A relação da loucura como componente das festas na Idade Média evidenciada por Bakhtin reverbera na obra *O Elogio à Loucura* (1511) de Erasmo de Rotterdam. Para o filósofo, a loucura é uma forma metafórica de expor as questões relacionadas à igreja e às ações que ocorrem consideradas profanas. A loucura retratada por Rotterdam toma posição de destaque e aborda as nuances da vida humana sendo um livro satírico é uma construção literária.

A partir dessa obra literária satírica é possível pensar a loucura no campo literário, não simplesmente como um tema, mas como forma literária, uma vez que as discussões levantadas por Erasmo de Rotterdam apontam para obras literárias anteriores, tais como a literatura grega e exemplos da Bíblia Sagrada.

Gregório de Matos, Marques de Sade, Machado de Assis e Lima Barreto, concorrem para a construção de pontes sobre a loucura. Assim, nessa perspectiva de análise, pode-se questionar a historicidade dessa forma antes e depois de Cervantes, para alcançar a obra de Wilson Nogueira, no tempo e no espaço. Nesse sentido, não será definido uma concepção ou um padrão da loucura, pois ela assume diversas formas, mas será averiguado

[...] nos textos analisados se, ao comentar o já dito, criam-se espaços que ampliam e reformulam os limites existentes entre dizer a mesma coisa e dizê-la de modo diferente” (Leitura, escrita e pesquisa em Letras: análise do Discurso de textos acadêmicos, 2014, p. 147).

Muito já se escreveu sobre a loucura, ela já foi principal temática em diversos estudos. Existem pesquisas sobre a loucura de Dom Quixote. No entanto, o que se quer nessa pesquisa é traçar uma visão da loucura na escrita de Nogueira, pondo em evidencia os traços que dela foram encontrados na obra afim de compará-las com a de Cervantes.

Enquanto construção social, a loucura é um ato de profanação digno de punição ou liberdade das amarras sociais. Contudo, é inquestionável suas modificações. Portanto, para compreender seus aspectos será feito neste trabalho será feito um histórico da loucura desde a Idade Média até a contemporaneidade.

O método da pesquisa é dialético, pois segundo Severino “[...] vê a reciprocidade sujeito/objeto eminentemente como uma interação social que vai se formando ao longo do tempo histórico” (2007, p. 116). Observa-se que sendo a loucura para o homem resultado de comportamentos transgressores, ou libertação do real, o tema mantém através dos séculos relações diretas com o meio social.

Ao buscar compreender a loucura como forma, em sua historicidade e construção, principalmente no campo da literatura, a visão dialética propõe um estudo dinâmico e de interação entre diferentes pensamentos acerca de uma só temática, a loucura. A pesquisa bibliográfica é o palco onde os autores e teóricos como Bakhtin, Luiza de Maria, Foucault, Machado de Assis, Cervantes e Nogueira, irão expressar suas ideias sobre o objeto desta pesquisa.

Através dessas bibliografias acima supracitadas, evidencia-se o percurso histórico da loucura desde o século XVI até o XXI. Ressalta-se que esse tipo de pesquisa “[...] se realiza a partir de registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores [...] os textos tornam-se fontes dos temas pesquisados” (SEVERINO, 2007, p. 122). Em uma abordagem analítica os pontos de ligação que a loucura produz através dos tempos, formam o caminho para uma organização teórica sólida sobre o tema, tanto no campo histórico como no campo literário.

A pesquisa está dividida em dois capítulos, o *Capítulo 1* discutira a partir das concepções de Bakhtin a visão da loucura na Idade Média como um componente das festas burlescas presentes na cultura popular em diálogo com a as concepções da Renascença tendo como base a obra *O Elogio da Loucura* de Erasmo de Rotterdam. Pretende-se expor as influências dos ritos paródicos encenados em praças públicas na literatura cômica medieval bem como compreender o processo da loucura na passagem da Idade Média para a Renascença. No *Subtópico 1.1* se faz uma retomada as primeiras manifestações da loucura na literatura com a obra do escritor grego Eurípides, *Medéia* que foi publicada no século V a.c e algumas concepções de profecia e loucura presentes na Sagrada Escritura. O *Subtópico 1.2* mostra a loucura em seu percurso literário histórico que começa no século XVII com o escritor barroco Gregório de Matos e seus poemas satíricos em seguida adentra-se no século XVIII especificamente na literatura sem pudores de Sade, passando para o século XIX com Machado de Assis e a loucura positivista presente em *O Alienista* e por fim Lima Barreto em *O triste fim de Policarpo Quaresma* e seu personagem modernista.

No *Capítulo 2* a loucura surge como um elemento dialógico entre a obra *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel de Cervantes e em *O Andaluz* de Wilson Nogueira. Nesta análise, procura-se evidenciar os aspectos da temática loucura presentes na obra de Cervantes com intuito de as interliga-las com a narrativa de Nogueira. Nessa perspectiva. No *Subtópico 2.1* evidencia as características da loucura do personagem Dom Quixote e em comparação com o personagem Andaluz. O *Subtópico 2.2* busca mostrar a relação estabelecida entre as naus dos loucos presentes na narrativa de *Dom Quixote* e em *O Andaluz* e o *Subtópico 2.3* em que discute algumas características, do ritual da lua presentes no comportamento da personagem louca, Lalina.

Os personagens, o espaço, nesse momento servem como palco para expor a temática de loucura. É importante observar que ao decorrer dos tempos a loucura foi responsável por despertar na população da Idade Média as transgressões. Já na renascença ela provocou o fascínio de muitos escritores, ela foi a elevação do ser em seus atos mais sublimes de liberdade, mas também foi a prisão de muitos homens na era cientificista. A partir de uma viagem diacrônica pela história da loucura é possível observar pontos de contatos da loucura, pois em processo de evolução as modificou, mas ainda possui a essência arcaica.

## 1. AS CONCEPÇÕES SOBRE A LOUCURA NA IDADE MÉDIA E NO RENASCIMENTO

Para entender a loucura como estrutura dialógica é preciso fazer um estudo histórico comparativo para assim pôr em evidencia suas principais concepções e compreender sua evolução através dos tempos, pois como observa Luiza de Maria “[...] a loucura traz um longo currículo [...] foi alvo de estranha polaridade, sendo lida ora como selo divino, ora como marca demoníaca; frequentou festas sagradas e profanas na Idade Média” (2005, p. 13). Nesse sentido, a loucura presente na Idade Média estava relacionada às festas carnavalescas colocada como a principal causa dos atos transgressores inferidos por homens medievais, atos que eram repreendidos pela igreja.

A obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* de Mikhail Bakhtin evidencia alguns aspectos da loucura como componente da cultura cômica popular na Idade Média. Ressalta-se que a igreja católica exercia um grande poder, ela era disseminadora da obediência às leis divinas. O homem medieval acreditava veementemente nos dogmas religiosos. Isso ocorre pelo fato que em tempos de crise, “[...] o Cristianismo aparece como uma palavra salvadora, capaz de atrair as massas e oferecer-lhes a miragem da esperança” (MARIA, 2005, p. 47). Assim criam-se regras que limitam o homem medieval, pois quem contestasse as ações dos membros da Igreja era considerado louco e possuidor de um demônio em si.

O Cristianismo na Idade Média assume o poder e durante esse período “[...] as autoridades do poder público só se ocupavam dos loucos que constituíam um perigo para a comunidade” (MARIA, 2005, p. 31-33). Não tinha ideia do que seria de fato a loucura existiam diferentes visões, como a crendice de que os considerados loucos possuíam os espíritos malignos, pois se “[...] vinculava comportamentos tidos como anormais com interferência do demônio” (MARIA, 2005, p. 48). Esse tipo de pensamento limitava o homem em suas práticas, pois aos olhos dos cristãos os que praticavam ações que não condiziam com as leis divinas eram considerados insanos.

Os que se revoltavam contra os membros do clero eram considerados hereges e eram dignos de punição. Uma forma bastante frequente era a morte na fogueira. É visível que a loucura na Idade Média possuía relação direta com a profanação, pois era a principal responsável por atos condenáveis pelo cristianismo. No entanto, essas concepções mudam no período festivo, pois existia em praças públicas festas pagãs que eram proibidas, mas que possibilitavam uma liberdade das condutas sociais vigentes, a exemplo a “festa dos

loucos”, onde as pessoas dançavam e encenavam, brincavam e se divertiam sem temer os seus atos

“Era na *Festa dos loucos* que a loucura adquiria, mais claramente, uma definição cômica satírica. Nesta festividade, a loucura se vestia de denúncia social, expunha o ridículo dos homens e se direcionava, principalmente, para os membros da Igreja” (MATIAS, 2015, p. 63)

Os cidadãos fugiam de seu cotidiano, se desprendiam das normas cristãs e o resultado disso é que essas manifestações populares perante a igreja eram consideradas pagãs. Para o homem medieval o festival, as festas já faziam parte de sua vida, ele podia vestir-se de mulher, beber, dançar, pois estava escondido sob máscaras e “Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, a leis da liberdade” (BAKHTIN, 2008, p. 6). Os atos cômicos tomavam conta da festa e existiam reproduções burlescas de cultos religiosos “A intenção [...] é mesmo ridicularizar o poder eclesiásticos” (MARIA, 2005, p. 22). Eles faziam paródias das leis que regiam a sociedade da época e se divertiam ao ter comportamentos considerado inapropriados.

Nas festas carnavalescas surgiam diversas paródias, imitações de autoridades religiosas e heróis medievais, havia muita blasfêmia, pois “O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É sua vida festiva” (BAKHTIN, 2008, p. 7). Criticam alguns membros da sociedade medieval através das encenações satíricas como os bufões e bobos que “[...] são as personagens da cultura cômica na Idade Média. De certo, os veículos permanentes e consagrados do princípio carnavalesco na vida cotidiana” (BAKHTIN, 2008, p. 7), eles são personagens cômicos e importantes da festa e mesmo no término das festas eles continuavam a ter esse título. Todos vestiam suas máscaras e se prontificam a sorrir sem se preocupar com as regras religiosas, pois uma das características das festas era a oposição aos comportamentos religiosos.

Todos esses ritos e espetáculos organizados à maneira cômica apresentavam uma diferença notável, uma diferença de princípio, podemos dizer em formas do culto e às cerimônias oficiais sérias da Igreja ou Estado Feudal (BAKHTIN, 2008, p. 4).

Nesses eventos festivos, resultavam as paródias burlescas, pois “Sabemos que existem numerosas liturgias paródicas (Liturgia dos beberrões, liturgia dos jogadores, etc.) [...]” (BAKHTIN, 2008, p. 12). Dessa forma, surge a chamada literatura cômica

medieval que possuía escritos paródicos de elementos do culto que foram ao longo da Idade Média encenados.

Na passagem da Idade Média para o Humanismo renascentista, “[...]rejeitando as doutrinas dos escolásticos e o limitado horizonte do simbolismo religioso, afasta-se do clima do misticismo que caracterizava a Idade Média” (MARIA, 2005, p. 52). Erasmo de Rotterdam publica *Elogio da Loucura* que com seu tom satírico acaba tornando-se uma das obras mais significativas do riso carnavalesco. De forma burlesca, a loucura exige seu lugar no meio social e sua importância na vida do homem, ela se propõe a mostrar suas proezas: “Vou contar quais são as vantagens que proporciono aos deuses e aos homens; vou mostrar toda a extensão do meu império” (ROTTERDAM, 2006, p. 18). Rotterdam traça linhas gerais sobre a loucura no riso carnavalesco, apresentando a oposição do sábio e do louco. Na visão de Rotterdam, os loucos não têm temor, sendo assim não possuem o medo tanto de envelhecer e morrer,

[...] eles não temem de modo nenhum a morte, o que, certamente não é uma pequena vantagem. Não conhecem nem os remorsos devoradores de uma má consciência, nem o vão terrores que as histórias do inferno inspiram aos outros homens, nem os pavores que os espectros e almas do outro mundo lhes causam. (ROTTERDAM, 2006, p. 53).

Com as ideologias religiosas, quando chegava próximo da morte, os idosos passavam a viver conforme as normas religiosas, pois possuem o medo da morte. Ao se fazer boas ações teriam o direito à vida eterna. Essas ideias eram passadas através dos sábios. Ao contrário dos sábios, os loucos são livres dessas amarras sociais.

As regras socialmente impostas obrigam o homem a viver sob normas, os que renunciam a isso no texto satírico de Rotterdam tem vantagens, pois não tem mais o temor e adquirem assim a liberdade, pois a loucura é por muitos homens responsável pelos maus comportamentos, “Pois toda a diferença entre louco e um sábio é que o primeiro obedece as suas paixões e o segundo à sua razão” (ROTTERDAM, 2006, p. 44).

É posto a diferença entre sábios e loucos, pois os sábios eram as pessoas que ocupavam uma posição na igreja e eram vistos por muitos como os detentores da verdade e os que desobedecessem os dogmas religiosos diante dos sábios eram considerados loucos. Porém nessa perspectiva a obra de Rotterdam mostra que muitos sábios eram menos lúcidos que os loucos.

Nessas colocações feitas entre o sábio e o louco surge a prudência, pois a loucura questiona quem a possui “[...] o sábio que o temor e a vergonha o impedem de empreender

alguma coisa, ou o louco que, não tendo vergonha e jamais vendo perigo, empreende ousadamente tudo o que lhe passa na cabeça” (Rotterdam, 2006, p. 41). A prudência detém os possíveis “desvios” do homem em relação das injustiças que ocorriam na sociedade condenáveis pela igreja o resultado disso foi uma série de regras decadentes que limitavam o homem em suas ações.

O autor eleva a loucura sendo os loucos uma não representação de ameaças e, de certa forma, serem até considerados cultos. Para MARIA, “Erasmus se preocupa em explicitar que a loucura de que ele trata não é a *demência* de que falam os estoicos” (2005, p. 53), ou seja, a loucura metaforicamente critica os membros da igreja, pois baseada em dogmatismo falhos. É posto também duas coisas que impedem o homem de se libertar das normas sociais: a vergonha e o temor. Esses aspectos seriam para o homem “[...] a vergonha que ofusca sua alma, e o temor que lhe mostra o perigo e o desvia de empreender grandes ações” (Rotterdam, 2006, p. 41). O homem que se desprende das leis vigentes “[...] por não temer, enfrenta os perigos, penetra o obscuro e atinge assim o verdadeiro bom senso” (MARIA. 2005, p. 53) assim a loucura deixa de ser ato profano para ser nos escritos renascentistas, a representação da liberdade.

A loucura de Rotterdam estava relacionada às festas pagãs descritas por Bakhtin, pois era nessas manifestações que todos se tornavam loucos. Tudo era permitido, os cristãos perdiam suas identidades, bebiam, dançavam e desfrutavam os prazeres da carne. Havia os atos sexuais praticados no decorrer das festas em praças públicas, além do uso excessivo de bebida. Era um teatro a céu aberto, mas

Se alguém disposto a arrancar a máscara dos atores no momento em que desempenham seus papéis, mostrasse aos espectadores seus rostos mortais, não perturbaria ele a cena, não mereceria ser expulso do teatro como extravagante? No entanto, tudo logo mudaria de feição: a mulher viraria um homem, o jovem viraria um velho. Os reis, os heróis, os deuses imediatamente desapareceriam, ver-se-iam em seus lugares apenas miseráveis e velhacos. (ROTTERDAM, 2006, p. 42)

As máscaras eram características pagãs, pois o homem a utiliza como forma de esconder sua identidade e poder aproveitar as festas. Havia também o travestimento em que o homem vestia-se de mulher, bem como mulher podia vestir-se de homem. Com a expansão da festa, e depois de não conseguir mais ter controle sobre o homem, a igreja católica passa a aprovar essa prática por achar que dessa forma poderia assim expandir a religião cristã.

As posições da loucura nas festas eram claras, os homens que viviam no seu cotidiano, os preceitos religiosos na manifestação eram corrompidos pelo pecado. A loucura, a causa da desordem, também possui suas vantagens como é descrito metaforicamente “É graças aos meus benefícios que se vêm em toda parte tantos velhos, oprimidos pelo peso dos anos e quase desprovidos da figura humana, ainda tão fortemente ligados à vida” (Rotterdam, 2006, p. 47), ou seja, a loucura possibilita a felicidade.

As ações que estão relacionadas com a loucura tais como “[...] paródias, travestis, degradações, coroamento e destronamento de bofões” condenáveis perante aos religiosos. Como é retratado em *O Elogio da Loucura*(1511) “Todo mundo zomba dessas extravagâncias, e aqueles que as cometem são vistas como loucos, como de fato são. Mas eles pouco se importam” (Rotterdam, 2006, p. 48), os comportamentos profanos tidos na festa carnavalesca estavam relacionados a questões de ordem social de repreensão ao pecado da carne. Mas quando Rotterdam se propõe a escrever sobre a loucura constrói um dos primeiros escritos sobre o assunto e uma obra modelo que ajuda a compreender algumas questões de séculos anteriores e direcionar para obras posteriores.

## **1.1. HISTÓRIA LITERÁRIA DA LOUCURA**

Na história literária da loucura a tragédia *Medéia* de Eurípides, no século V a.c, é uma referência, pois narra as nuances de um amor considerado por muitos louco. Em *Medeia*, a personagem era filha do rei Eetes e conhecida por ser uma feiticeira, ela mantinha uma paixão doentia por Jasão que resulta em um ato transgressor, pois através de magia a personagem ajuda Jasão a passar pelas provas do pai e assim levar o velo de ouro. Neste momento, a paixão tomou-se o seu maior erro, então após ser traída “Medeia arquitetava um diabólico plano: para vingar-se do rei e sua filha, envia a esta presentes embebidos em veneno fatal: para vingar-se de Jasão, mata os próprios filhos” (MARIA, 2005, p. 39). Sendo o assassinato uma coisa grave, o assassinato de um filho gera horror e inquietação.

A loucura em *Medeia* está relacionada com punição, pois Medéia mata seus filhos para punir Jasão por traição, outra característica é sua incredulidade representando a insanidade humano, pois Medeia perde a afetividade pelos filhos por uma vingança. A partir do infanticídio se tem um ponto de desequilíbrio em relação às normas sociais, pois esse ato é condenável,

O assassinato dos filhos pela mãe talvez represente o pior de nossos pesadelos, o incompreensível e o inominável, haja vista o impacto provocado em nosso imaginário pelos inumeráveis casos de violência familiar (ANJOS, 2014, p. 59).

Diferente de outros escritores gregos que direcionavam a loucura como castigo dos deuses, Eurípides criou uma personagem que adquiriu sentimentos ruins em relação ao ser humano, isso ocorre pelo fato de a personagem ser traída por Jasão. Medéia ao transgredir as regras vigentes pelo infanticídio passa a ser denominada como louca. Por volta do século V a. C, período em que foi escrito Medéia, “[...] começa a loucura a conquistar seu signo de desonra, certamente já estaria aí a semente que, germinando, vai resultar na cláusula do louco tantos séculos depois. (MARIA, 2005, p. 43). Neste momento, a loucura é resultado de sentimentos negativos, pois o sentimento vingativo tira a razão da personagem Medéia.

Outro exemplo antigo são as sagradas escrituras. Luiza de Maria ao estudar as profecias mostra que a loucura era resultado de castigos divinos, mas também na sagrada escritura estava relacionada ao profetismo dos homens, ressalta-se que “Saul [...] não somente demonstra ser vítima de transtornos mentais, como faz uso de uma terapêutica usada na época para acalmar tais doentes, a música” (MARIA, 2005, p. 28), mas nas passagens bíblicas esse personagem era tido como um profeta. Profecia ou delírio, Maria questiona uma história da Bíblia: “Se relacionarmos o episódio de Saul a outras passagens bíblicas, podemos confirmar a concepção difundida no Mundo Antigo, da loucura como maldição divina” (2005, p. 29). Ao procurar a raiz etimológica da palavra profetizar, Luiza de Maria mostra que em hebraico “[...] significa ‘atuar como um profeta’, também significa ‘desvairar’, ou ainda ‘comportar-se de maneira desenfreada, como quem está fora de si’.” (MARIA, 2005, p. 29). A questão do desvairar-se é interessante, pois essa palavra é sinônima de enlouquecer.

No ato de profecia se tem a relação do homem com fontes místicas, é importante observar que a racionalidade não pode está incluída nesse processo de compreensão, pois existe “De um lado, o pensamento mágico; de outro, o racionalismo científico” (MARIA, 2005, p. 28). Nesse sentido, quando se propõe analisar que um profeta e seu comportamento anormal, relaciona-se isso com o sobrenatural, “[...] o profetizar é o contato com a super-realidade, de algum modo obscura para o homem comum” (MARIA, 2005, p. 27). A figura do profeta gera bastante discussão, pois ao ter na Bíblia profetas, é

provável que os cristãos os relacionem com algo sagrado, os distanciando da insanidade. No entanto, ao transgredir as regras impostas por Deus, Saul é castigado.

A figura de Medéia presente na literatura grega de Eurípides e Saul presente na Sagrada Escritura tem em comum as suas ações transgressoras. Observa-se que ação de Saul transgredir a vontade de deus, pois a loucura “[...]é sempre representada como advinda da parte dos deuses” (MARIA, 2005, p. 40), bem como a irracionalidade de Medéia proporcionada por um sentimento ruim. Há entre essas duas figuras de períodos tão distintos ideia do que seria de fato da relação da loucura com a ideia como o resultado de punição e despertar de espíritos malignos no homem transgressor.

## 1.2. A LOUCURA COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO LITERÁRIA

No Brasil do século XVII, o movimento literário que estava em ascensão era o Barroco, que foi trazido pelos jesuítas. Nesse movimento foi possível observar a dominação da sacralidade em oposição a profanidade que são temas característicos dessa corrente literária. Já que se pregava o cumprimento das normas religiosas para a harmonia social, como observa Javorski;

A literatura barroca, com suas características próprias, forneceu espaço para sua divulgação em formato de poesia satírica na qual habitava a *persona* satírica que era equipada de um personagem para apontar os vícios e pecados de uma dada sociedade. (2014, p. 6)

Nesse período o escritor Gregório de Matos, ao escrever seus poemas, faz crítica de forma satírica aos comportamentos condenados pelos religiosos da época. “[...] conhecido como Boca do Inferno, delata situações do cotidiano social de uma das regiões de mais destaque na América portuguesa, a Bahia.” (JAVORSKI, 2014, p. 11). É um escritor que direcionou seus poemas às críticas em relação as atitudes morais da sociedade baiana, além de descrever momentos eróticos em relacionando-os com o pecado da carne. O poeta recebe “[...] uma das influências lusitanas de comportamento que envolvia discussões em torno do não cumprimento dos dogmas religiosos e morais com aventuras amorosas que incitavam o pecado da carne” (JAVORSKI, 2014, p. 11).

É preciso observar que Gregório de Matos não escreve diretamente sobre a loucura, mas põe em evidência os comportamentos que são característicos dela, pois

como diz seu poema “Eu sou aquele, que os passados anos/cantei na minha lira maldizente/ torpezas do Brasil, vícios e enganos” (LIMA, 2016, p. 5). O escritor baiano teve muito influência da cultura europeia. Suas poesias possuem aspectos grotescos,

[...] a poesia gregoriana destroniza o poder – administrativo, religioso, oficial, popular - desconstruindo o discurso oficial, instaurando, dessa forma, a festa da carnavalização antropofágica. O gesto sério do cordeiro imolado é substituído pelo riso incontrolável causado pelo êxtase barroco. O homem barroco vive nessa tensão paradoxal, em instantes de risos comedidos, gargalhadas, entre tristezas sepulcrais e comilanças festivas. (LIMA, 2016, p. 51)

Em inúmeros poemas ele retrata a vida sexual das freiras e frades. Há a carnavalização da linguagem e a reprodução dos atos profanos praticados pelos homens das colônias, pois em “[...] vertente satírico-burlesca[...] expôs fatos circunstanciais e passageiros da vida da colônia que eram relegados pelo mundo oficial feudal e eclesiástico” (MORAIS, 2013, p. 2). Há nesse momento um distanciamento das normas estabelecidas pela igreja católica, o Boca do Inferno, satiricamente em seus poemas dirige várias críticas aos comportamentos sexuais às freiras,

Descarto-me da tronga, que me chupa,  
Corro por um conchego todo o mapa,  
O ar da feira me arrebatava a capa,  
O gadanho da limpa até a garupa.  
Busco uma freira, que me desemtupa  
A via, que o desuso às vezes tapa,  
Topo-as, topando-a todo o bolo rapa,  
Que as cartas lhe dão sempre com chapula  
Que hei de fazer, se sou de boa cepa,  
E na hora de ver repleta a tripa  
Darei por quem mo vase toda a Europa?  
Amigo, quem se da carepa  
Ou sofre uma muchacha, que o dissipa  
Ou faz da mão sua cachopa

(MATOS, 2010, p. 287)

Há uma transgressão, pois deseja-se um ser que não pode ser desejado, a figura de uma freira que está relacionada com a sacralidade. Utiliza-se termos da época que remetem mostram a intenção de explicitar o erotismo em estado de pecado religioso. O eu poética não quer saber das prostitutas, ele quer ter relações com uma freira, expõe-se nesse desejo sexual a ideia do profano. No poema “Necessidade forçosa da natureza humana”, o espaço é o mosteiro, pois se em Portugal existiam diversos mosteiros, o Brasil

tinha só um que se denominava Convento de Santa Clara do Desterro, justamente, em Salvador na Bahia. Nesse período, existiam práticas sexual com a freiras, a igreja tentava esconder essas relações, pois elas eram proibidas. Por outro lado, muito dos casos ela se beneficiava desses atos.

Os temas de profanidade estão relacionados a relação freiráticas, ou seja, relação de freiras com membros do clero, “Os freiráticos eram compostos por qualquer tipo de homem que se sentisse seduzido pelo simples fato de sua musa amorosa ser uma freira” (JAVORSKI, 2014, p. 23). Essas relações eram descritas sarcasticamente sendo essa prática comum no meio religioso baiano, as autoridades religiosas tentavam manter o controle punindo os infratores e até os banindo para outro país. O castigo variava conforme a classe, “No Brasil, além de presentear a religiosa escolhida, havia também o costume que doar donativos para o convento, além de agradar à escrava de sua amada. Quanto mais amantes, mais presentes” (JAVORSKI, 2014, p. 25).

Houve diversos questionamentos em relação a carnavalização presente nos seus poemas ser a mesma descrita por Bakhtin, mas após evidenciar que a poesia possui comicidade, erotismo e profanidade, LIMA diz que “[...] não é descabida a afirmação da crítica literária de Haroldo de que em Gregório de Matos há carnavalização” (2016, p.259). Há em seus poemas a reprodução de festas que ocorriam no Brasil do século XVII, a exemplo o poema “Descreve a confusão do festejo do Entrudo”,

Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,  
Galinhas, porco, vaca, e mais carneiro,  
Os perus em poder do Pasteleiro,  
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas.  
Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,  
Gastar para comer muito dinheiro,  
Não ter mãos a medir o Taverneiro,  
Com réstias de cebolas dar pancadas.  
Das janelas com tanhos dar nas gentes,  
A buzina tanger, quebrar panelas,  
Querer um só dia comer tudo.  
Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,  
Despejar pratos, e alimpar tigelas,  
Estas as festas são do Santo Entrudo

(MATOS, 2014, p. 31)

Gregório de Matos descreve nesses versos um costume da sociedade baiana, “descreve essa festa popular em solo brasileiro” (LIMA,2016, p. 272). Nessa festa as pessoas se jogavam alimentos, brincavam, agiam como queriam, era uma brincadeira que alcançava todas as classes, não havia diferenciação, o importante era se divertir. A festa do Entrudo tem herança dos portugueses, pois a colonização trouxe esse costume: “O Entrudo foi trazido pelos portugueses no século XVI, e consistia em brincadeiras de vários tipos e eram diferentes de acordo com o grupo social, no período correspondente ao carnaval.” (LIMA, 2016, p. 273). A festa considerada perante a igreja como um ato profano e as pessoas ao participarem eram consideradas loucas.

Para muitos Gregório de Matos é considerado louco, pois ele foi de encontro com as normas vigentes na sociedade baiana e isso resultou não sua expulsão do Brasil. Ele passou a viver em Angola até receber a permissão de voltar para o Brasil, mas não para a Bahia. Os poemas de Gregório de Matos têm relação com o erotismo e ato de profanação, ele sucedeu o pensamento do século XVI, mas não chegou a ser preso por isso, nem tão pouco internado, pois ainda não existiam no Brasil os manicômios. Observa-se que os manicômios só surgem ao fim do século XVII, e a loucura passa a outro estágio, os comportamentos considerados desviantes passam a ter relação com doenças mentais, a loucura entra em ascensão, pois ela sucederá a lepra, como observa Foucault,

Se o louco aparecia de modo familiar na paisagem humana da Idade Média, era como que vindo de um outro mundo. Agora, ele vai destacar-se sobre um fundo formado por um problema de "polícia", referente à ordem dos indivíduos na cidade (1978, p. 72).

A loucura não representava mais a liberdade do homem, mas sim a sua prisão, pois o homem que praticasse a profanação passava a ser visto como um doente mental e era aprisionado em manicômios. Os manicômios tiveram sua apoteose no século XVIII as internações dos considerados loucos tornam-se frequentes, mas essas internações estavam ligadas a fatores econômicos, pois entra-se no período de industrialização e o homem é visto como uma máquina.

Já que se precisava de mão de obra, os mendigos, pobres e loucos seriam importantes, pois a indústria capitalista precisava de mais trabalhadores e assim “Fazia-se necessário um fazer médico que pudesse apontar quem dentre os desocupados, estava apto a desempenhar seu papel frente à alavanca de uma máquina e quem era realmente

incapacitado para o trabalho” (MARIA, 2005, p. 74), criam-se casas de internação e os homens excluídos que passaram a morar no local, os internados, tinham que trabalhar.

À margem da industrialização, a loucura passou a ter relação mais profunda com as manifestações dos homens sendo assim tornou-se “[...] assunto habitualmente presente na obra de filósofos e pensadores, exercendo sobre eles um enorme fascínio” (MARIA, 2005, p. 74). Nesse contexto da internação se destaca Donatien Alphonse François Sade, conhecido como Marquês de Sade, que passou “[...] mais de trinta anos de sua vida em prisões ou sanatórios. Alguns especialistas atribuem a esse fato a natureza tão característica dos seus escritos” (NOGUEIRA, 2008, p. 7). Sade ficou conhecido por suas críticas à igreja e aos valores morais, mas também por seus textos de teor sexual,

A manutenção da ordem exige que cada categoria de fatos esteja separada de outra que lhe é diferente, sagrado e profano não se misturam [...] Quando Marques de Sade, no seu castelo, faz dos desejos alimentos, dos banheiros capelas e aproxima parceiros sexuais consanguíneos, o que ele faz é subverter as regras mais caras à sociedade, utilizando propositalmente este instrumento agressor à ordem social (MARIA, 2005, p. 92)

Ele liberta-se dos preceitos religiosos ao fazer escritos satíricos de denúncia contra a igreja, pois como pontua Giannattasio, “Este é o século XVIII, este é o século de Sade” (1998, p. 25). No período dos escritos de Sade, existia o conflito entre os antigos e os modernos, e as discussões do que era sagrado e o que era profano estavam mais intensas, pois todos os séculos anteriores refletiam nesse século.

Sade recebeu influências do iluminismo europeu visão de mundo que pautavam-se na razão e emoção. A libertinagem era uma característica de suas obras, observa-se que “[...]sua literatura nasce marcada [...] de um lado convoca a cumplicidade do leitor, por outro, há nela um visível desejo de pôr em risco o senso comum, as certezas herdadas e os juízos inquestionáveis.” (GIANNATTASIO, 1998, 34). No século XVIII, a identificação da loucura exigia mais cautela, pois a ciência já estava a trabalhar a definição de loucura de forma relaciona-la não mais está a questão de sacralidade, como castigo dos deuses, mas sim com a questão de moral, “Com respeito a ela, nasceu uma nova sensibilidade: não mais religiosa, porém moral.” (FOUCAULT, 1978, p. 72). Passa a existir críticas em relação a transgressão dos aspectos morais nos atos humanos, e posteriormente relaciona-se ao estado de doença mental, segundo Giannattasio, “A loucura de Sade deriva de sua recusa em reconhecer-se como louco, quando tudo e todos o condenaram a submeter-se a este estado” (1998, p. 208). O escritor Marques de Sade

foi internado diversas vezes, é possível ver uma relação do louco com os princípios de uma razão não condizente com a realidade da época.

Neste sentido, a loucura era uma fonte de inspiração e libertação do imaginário, e escritores como Sade eram conhecidos por romperem com os ideais da época, Sade apenas escreveu diferente dos outros escritores “[...] a noção de gênio e toda singularidade que lhe era peculiar são alguns dos elementos que acabam por aproximar o gênio e o louco” (MARIA, 2005, p. 74). Nessa perspectiva, a construção literária de Sade estava em consonância com sua imaginação considerada pervertida.

Na transição do século XVIII para o XIX ainda predominava os fatores econômicos e industriais. O capitalismo estava em ascensão nos países europeus e é nesse espaço de transformações que surge a ciência positivista que se encontra em relação direta com as ciências humanas, quando Auguste Comte ao observar o fim do sistema feudal, propõe uma filosofia de interação em que houvesse o consenso coletivo. Observado que a industrialização modifica o cotidiano do homem europeu seria preciso uma organização de trabalho mais eficaz, busca-se no positivismo explicar os fenômenos sociais. Com o progresso das correntes positivista há um progresso na ciência que é característico do movimento, o cientificismo está relacionada a superioridade da ciência sob correntes de pensamento pautados na religião, filosofia e até metafísica.

A corrente positivista chega ao Brasil no século XIX, observa-se que o país crescia economicamente e em virtude disso, houve um aumento da população. Era preciso realocar as pessoas, a começar pelas que não possuíam comportamentos considerados normais e que eram desocupadas não contribuindo em nada para a economia. Assim produziu-se o “[...] discurso que iria qualificar e excluir aqueles que estivessem fora do padrão social da época, identificando-os como loucos.” (LIMA, 2011, p. 2), ou seja, os loucos não seriam apenas os doentes mentais, mas sim todas as outras pessoas, a exemplo os mendigos e alcoólatras. Se a igreja nos séculos anteriores era responsável por definir que eram os sãos e que eram os loucos, a ciência no século XIX assume esse papel.

As autoridades da época não queriam tratar os considerados loucos, elas queriam apenas retirá-los do convívio social, pois em relação aos problemas da loucura “[...] o fenômeno não ficou limitado apenas ao campo científico como doença psicossomática, mas foi expandido para outros problemas de ordem social como o crime, a pobreza, a miséria.” (LIMA, 2011, p. 10). Então, a ciência que naquele momento exercia um grande poder. Observa-se que não se tinha uma definição real do que seria a loucura, pois adentrava em diversos fatores que resultava na exclusão sociais.

Alguns intelectuais passam a adotar as correntes positivistas e mergulham no pensamento científicista. No entanto, o escritor Machado de Assis “[...] cético e mordaz, atento a todas as tendências e manifestações, não apenas utilizou-se de tais argumentos em textos de ficção, mas explorou vários deles” (MARIA, 2005, p. 111), Assis questionou essas ideias. Em 1881 publica a obra *O Alienista*. Através de seus personagens, Assis foi “[...] capaz de questionar a razão do saber científico e ao mesmo compreender o saber da loucura” (MARIA, 2005, p. 111). De forma metafórica demonstra o processo de internação e a relação da razão com o poder.

A ciência tornava-se em *O Alienista* de Machado de Assis fonte de ironia, o autor “[...] descia o seu olhar da figura do doente, do louco, para focalizar, com enorme senso crítico, a figura do médico” (MARIA, 2005, p. 149). O personagem médico Dr. Bacamarte, após passar anos na Europa, chega a cidade Itaguaí com um discurso científicista. Tem seus princípios de vida baseados na ciência como é o caso da escolha de D. Evarista para ser sua mulher. Ela não possuía beleza física e era viúva, mas

[...] reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes” (ASSIS, 1994, p. 1)

As ações de Bacamarte são todas baseadas na ciência. Contudo, mesmo com toda sua lógica algumas são ineficazes, é o caso de “D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos” (ASSIS, 1994, p. 2). Mostra-se um saber científico falho e digno de sátira. Bacamarte vai à câmara dos deputados pedir licença para criar um lugar de acolhimento dos loucos.

O personagem passa a isolar os pacientes que não seguiam as normas sociais. No entanto, seus atos tornaram-se contraditórios, pois qualquer atitude que para ele era tida como errônea era condenada como ato de loucura. O poder nesse momento na ciência de Simão Bacamarte, os seus primeiros procedimentos feitos era encaminhar os considerados transgressores para a Casa Verde “A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas” (ASSIS, 1994, p. 3). Assim, esse lugar passou a abrigava doentes de todos os lugares, pois quem não

tinha disciplina era recolhido à casa de Bacamarte. Instaure-se na narrativa um discurso de poder científico.

Na Casa Verde abrigava-se diferentes pessoas com comportamentos que são dignos de observação como o caso do personagem Costa que recebeu uma herança, mas que por sua generosidade acabou falindo, “Costa emprestou dinheiro logo, logo, e sem juros. Infelizmente não teve tempo de ser pago; cinco meses depois era recolhido a casa verde” (ASSIS, 2010, p. 14). O médico Bacamarte, pelo seu conhecimento científicista, define que o comportamento de Costa era considerado irregular, “os loucos e sua loucura são uma presença apaziguadora e até cômica ao longo do texto. Fala-se, isso sim, deste homem e de seu discurso que é capaz de produzir a loucura” (GOMES, 1994, p. 6). A partir dessa afirmação pode-se dizer que em *O Alienista* não está em foco os comportamentos dos considerados loucos, mas sim a definição de loucura no discurso do médico Simão Bacamarte.

Na narrativa é observado que antes do médico chegar a cidade de Itaguaí, não existiam muitos relatos de loucos, eles eram quase imperceptíveis. Bacamarte surge com um discurso autoritário, pois para ele as fontes predominantes desses séculos estavam em relação direta com a ciência e a razão.

Mesmo com resquícios do século passado, no século XX a loucura assume uma nova forma no campo literário, pois ela torna-se temática das correntes pré-modernistas. Se em *O Alienista* a temática estava relacionada com a irracionalidade do homem perante a ciência, na obra *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, a loucura está ligada há um sentido idealista e satírico, pois Lima Barreto “[...] percorre os caminhos do riso e do escárnio para criticar com veemência e acuidade a nação e o povo brasileiro, por suas mazelas e deficiências” (MAIA, 2006, p. 24). Tem-se um personagem cômico chamado Policarpo Quaresma que após trinta anos de leituras assíduas,

De história do Brasil era farto a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo [...] Então no tocante a viagens e explorações, que riqueza! Lá estavam Hans Staden [...] é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou amplamente”. (BARRETO, 2010, p. 29)

Policarpo Quaresma decide aplicar as teorias descritas nos livros, então, o personagem inicia sua saga com o objetivo criar uma identidade brasileira desvinculada da europeia. Para isso, ele traça um percurso que se divide em três pontos essenciais na

narrativa: o cultural, agrícola e o político. Ao assumir ideais patrióticos que vão de encontro com os pensamentos da sociedade vigente, o personagem escreve uma carta que causará transtornos em sua vida, “Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro[...] usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro”. (BARRETO, 2010, p. 70). Nesse pedido de Quaresma há uma tentativa de desvincular-se a língua nacional do Brasil com a europeia, mas com o sentimento eurocêntrico dos personagens, Quaresma foi duramente criticado e passa a ser considerado o louco, mas é importante observar que “[...] a loucura de Policarpo Quaresma não acontece de repente, pois é algo que vai tomando conta do seu ser aos poucos, isto é, no decorrer de sua trajetória” (CRUZ, 2009, p. 180). As decepções de Quaresma tornam-se evidentes no decorrer do texto, pois o que ele acreditava e cada vez mais sendo destruído pela triste realidade.

Com o fracasso do pedido de alteração da língua oficial, o idealizador Quaresma direcionando a solução para o progresso do Brasil para o setor agrícola, pois como ele pensou “[...] o que era principal à grandeza da pátria estremecida, era uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha de preencher”. (BARRETO, 2010, p. 102). Então mudou-se para um rancho chamado Sossego e começou sua missão de cultivo, mas em pouco tempo pode observar o abandono do homem do campo, pois ao fazer um passeio o que mais o impressionou “[...] foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas; o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ele tinha dos roceiros ideia de que eram felizes, saudáveis e alegres”. (BARRETO, 2010, p. 137).

Quaresma se depara com a concentração de riqueza para uma pequena porcentagem de pessoas e a miséria da maioria dos que viviam no campo. Após suas frustrações no campo, voltou a cidade e lutou na revolta da armada acreditando em um governo sólido e renovador. A loucura de Quaresma está em seus ideais que não se enquadram com dos outros personagens da narrativa, pois “Como os ideais de Policarpo Quaresma não se ajustava aos “princípios” daquela sociedade burguesa, então, era necessário algum tipo de “correção”. Então em um determinado momento o personagem é mandado para uma casa de repouso.

Após voltar da internação, Quaresma tornou-se carcereiro da prisão em que ficaram os derrotados, mas como um homem de princípios incomodou-se com a situação desumanas que encontravam-se os prisioneiros, então escreve ao presidente, mas não surte efeito esperado, pois ele é considerado um traidor e condenado a morte. “A pátria

que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia”. (p. 236). Qualquer ou ideia que fosse de encontro com a ideologia do governo seria motivo de internação ou morte. Assim, a saga de Quaresma termina com a conclusão é que os seus ideais eram sem lógica e distante da realidade e que não se aplicavam ao Brasil.

*“Aprendi com meu pai que os momentos de loucura são feitos para a liberdade e os de lucidez para narrarmos a liberdade que perdemos quando estamos lúcidos” (NOGUEIRA, 2012, p. 149)*

### **3. A LOUCURA COMO ELEMENTO DIÁLOGICO EM *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA* DE MIGUEL DE CERVANTES E EM *O ANDALUZ DE WILSON NOGUEIRA***

A discussão acerca do dialogismo surge quando Bakhtin observa que mesmo a língua tendo relação direta com situações dialógicas, havia uma limitação, a língua não agregava o uso real da linguagem. A partir disso houve a constatação de que não eram as unidades da língua que tinham relações dialógicas, mas os enunciados (FIORIN, 2016, p. 23). Partindo desse pressuposto, adentrou-se nos enunciados que se expandem em diversos processos de comunicação e que possuem intrinsecamente o discurso do outro.

No campo literário podemos, encontrar em uma obra influência de outras construções literárias, até mesmo uma obra renascentista pode ser encontrada pontos de ligação com uma obra contemporânea, pois “Mesmo enunciados separados um do outro no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano do sentido, revelarão relações dialógicas” (FARACO, 2009L, P. 65). Então, uma temática em uma determinada obra literária está fundamentada em obras passadas, pois todo dizer recebe influência do já dito.

Ao se ter uma temática comum em duas obras distintas, observa-se as características semelhantes bem como as diferentes. Nessa perspectiva se pode ter comparações de obras de períodos distintos, como a obra *Dom Quixote de La Mancha* de

Miguel de Cervantes teve a primeira parte publicada em 1605 e a segunda em 1615 em diálogo com a obra contemporânea *O Andaluz*, de Wilson Nogueira, publicada em 2005, observa-se que em ambas as obras há a presença da temática loucura e suas influências no discurso literário.

A obra de Cervantes narra as andanças do personagem principal, o fidalgo Afonso Quijana, homem letrado que após muitos anos de leitura assídua de novelas de cavalaria perde a razão “O excesso de leitura enfraqueceu parte do cérebro de Dom Quixote, ocasionando um desequilíbrio nos humores, afetando a “imaginativa”” (CRUZ, 2009, p. 112). Após isso personagem aventura-se a reproduzir os feitos de cavalaria e leva consigo o seu escudeiro, Sancho Pança.

*Dom Quixote de La Mancha* ficou conhecida mundialmente através dos séculos como modelo de literatura satírica e é até agora considerada um dos maiores romances espanhóis, sendo analisada como uma paródia que é baseada nos romances de cavalaria.

Na obra de Cervantes há uma dualidade entre loucura e razão, um dos fatores que explicam essa utilização é a passagem da Idade Média para o Renascimento e o enfoque dado as paródias, a temática loucura estava em discussão e tornou-se uma característica eterna do personagem Dom Quixote. Em meados do século XVI e XVII acreditava-se que a loucura era ocasionada pelo fato de o cérebro em vigília se encontrar dessecado, como “[...] o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu” (FIORIN, 2016, p. 22), esse enunciado direcionado à loucura influenciou à obra de Cervantes, pois o personagem

Encheu-se-lhe a fantasia de tudo que achava nos livros [...] e assentou-se-lhe de tal modo na imaginação ser verdade toda aquela máquina de sonhadas invenções que lia que para ele não havia mais história certa no mundo” (CERVANTES, 2002, p.32)

O personagem decidiu tornasse cavaleiro incumbido de proteger os necessitados e lança-se na missão de enfrentar batalhas como as descritas nos livros de cavalaria. No período em que foi escrito *Dom Quixote* havia uma grave crise sendo o fim do período declínio feudal, a população do campo enfrentava graves crises financeiras, a fome e a miséria passam a assombrar algumas regiões da Espanha.

Ao usar a loucura de Dom Quixote para satirizar uma sociedade desestruturada nas ações presentes nas novelas de cavalaria há um diálogo entre ficção e realidade da época, pois em situações de comunicação os enunciados dialogam entre si. Cervantes

remete a loucura a liberdade, Quixote é o fidalgo de La Mancha- cidade que foi historicamente muito afetada pela crise e por essa crise- ao fugir do real cria um mundo paralelo, o personagem representa o período do feudalismo em sua fase de glória, observa-se que o dialogismo sendo “[...] o princípio constitutivo do enunciado” (FIORIN, 2016, p. 27), possibilita essa relação entre contexto histórico e ficção.

Quixote era um fidalgo residente na cidade de Mancha na Espanha que enfrentou graves crises no período do declínio feudal como perda de terras e posteriormente da razão. Antes de adentrar em estado de loucura o cavaleiro da triste figura possuía características comuns, ele

Tinha em casa uma ama que passava dos quarenta, uma sobrinha que não chegava aos vinte, e um moço da poisada e de porta afora, tanto para o trato de Rocim, como para a fazenda. Orçava na idade nosso fidalgo por cinquenta anos. Era rijo de compleição, seco de carnes, enxuto de rosto, madrugador e amigo da caça (CERVANTES, 2002, p. 31).

A vida que Quixote levava era tranquila e não representava nenhuma ameaça ao convívio social, mas isso mudou a partir do momento em que o personagem por ter leitura frequentes com os livros de cavalaria, mergulha em uma realidade paralela por intermédio de sua imaginação. Mudou seu comportamento possuía a insanidade de pensamentos desconexos aos membros da cidade da Mancha assumindo assim uma conduta condenável para as pessoas mais próximas.

Ao andar hora procurando aventuras, o herói cômico se sente cansado e procura um castelo e como função de sua loucura acaba transformando simples venda em um grande castelo [...] como o nosso aventureiro tudo quanto pensava, via, ou imaginava, lhe parecia real e conforme ao que tinha lido, logo que viu a locanda se lhe representou ser um castelo com quatro torres. (CERVANTES, 2002, p. 36). O ambiente em que Quixote idealiza como um castelo é um lugar frequentado por mulheres da vida que nas fontes imagéticas do personagem são transformadas em donzelas, pois “[...] achegou na porta da venda, e avistou as duas divertidas moças que ali estavam, que a ele lhe pareciam duas formosas donzelas, ou duas graciosas damas que diante da porta do castelo espareciam” (CERVANTES, 2002, p. 36). É um ambiente que não possui nenhuma característica vangloriosa, mas que transforma-se a partir da visão de Quixote pode-se ser dito que a temática da loucura em *Dom Quixote de La Mancha* estava baseada em concepções da loucura medieval, possuindo assim uma forma de utilização cômica.

Em *O Andaluz*, o personagem Tomás de Aquino narra sua estada na cidade de Vila Bela da Rainha e as indagações que sofre ao observar o personagem Andaluz que

em sua loucura afirma ser um cavaleiro introspectivo que está incumbido de domesticar as amazonas. A narrativa não se concentra apenas nesses personagens, tem-se também a personagem Lalina que mantém relação com lua. Como composição literária a temática loucura encontra-se presente como principal responsável pela insanidade de seus personagens, mas também como artifício de retorno ao tempo de colonização.

Na ideia de caracterizar os personagens pondo em evidencia suas peculiaridades direcionou-se este estudo a obra de Nogueira que apresenta o personagem Andaluz a partir da narração do personagem Tomás de Aquino, pois para ele, o “Andaluz não tem estatura nem rosto definidos. Ele é aquilo que o transeunte observador imagina e aquilo que a multidão ignora” (NOGUEIRA, 2012, p. 13), esses aspectos percebidos podem mexer com as relações existenciais entre os personagens. Tem-se na sociedade em que Quixote vive um discurso repreensão a partir das definições dos comportamentos condenáveis, o Andaluz gera um desequilíbrio, ele é um homem a ser desvendado. Diferente de Quixote que era um homem de posição social respeitável, o Andaluz não possuía nenhum cargo social, ele era excluído, esquecido e abandonado.

Nesse aspecto sobre colocação social diferente de Andaluz, Dom Quixote possuía uma posição social respeitável, mas isso não impede de tornar-se o personagem louco. Compreende-se também que no ato da comunicação entre os enunciados podem haver confrontos, pois “As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou convergência, de aceitação ou recusa [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 28). Através das propriedades dos enunciados é possível analisar as intenções e os elementos que estão em diálogo.

[...] fazer réplicas do dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirma-la ou rejeitá-la, buscar lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas (FARACO, 2009, P. 22)

‘ O diálogo tem a característica de ser homogêneo, então há utilização de diferentes vozes que podem concordar ou refutar acerca de um determinado elemento constituinte do campo literário. Pode ocorrer relações dialógicas análogas ou contrárias na temática da loucura em *Dom Quixote de La Mancha* e *O Andaluz*.

No romance de Cervantes está em curso a loucura de um homem que confunde cenas do ambiente medieval com as novelas de cavalaria. Um trecho importante é quando ao remeter ações das novelas cavalarias para seu cotidiano, surge em Quixote a comicidade, pois para torna-se um cavaleiro, ele precisa escolher um nome e por influências dos livros,

Recordando-se, porém, de que o valoroso Amadis, não contente com chamar-se Amadis sem mais nada, acrescentou o seu nome com o do seu reino e pátria para a tornar famosa, e se nomeou Amadis de Gaula, assim quis também ele, como bom cavaleiro, acrescentar o seu nome o da sua terra, e chamar-se “Dom Quixote de La Mancha”, com o que, a seu parecer, declarava muito ao vivo sua linhagem e pátria (CERVANTES, 2002, p. 33).

Afonso Quijana para a escolha do seu nome segue as regras descritas nos livros de cavalaria, ele não foge do ideal de cavaleiro e possui uma relação com o seu interior põem em prática tudo que acreditava. Dom Quixote é oriundo da cidade de Mancha e por isso adiciona esse termo ao seu nome de cavaleiro. Há uma crítica por ser a cidade que estava em abandono, sem nenhuma condição de habitação e com em extrema miséria, mas que na loucura de Quixote a utilizava como símbolo de elevação.

A loucura é vista com um recurso para a fuga da realidade e uma apropriação literária, pois através da temática, Cervantes questiona os males e problemas sociais de uma sociedade totalmente corrompida e sem estrutura que é alienada por se prender a princípios já destituídos com o tempo.

A loucura possibilita as relações de palavras opostas como a realidade e ilusão, heroísmo e comicidade. A temática da loucura possibilita o personagem fazer pontes psíquicas entre o passado e o presente, ou seja, há assim uma transposição do tempo tanto nos comportamentos considerados sublimes quanto os que estavam em oposição são formas encontradas em *O Andaluz*(2012) de Wilson Nogueira. Personagem como o Andaluz

[...] se identificou a alguns passageiros como um viajante do passado incumbido de domesticar as temíveis amazonas. Trata-se ia de um passageiro do tempo à procura de um lugar pródigo em sanidade” (NOGUEIRA, 2012, p. 10)

A loucura tem a característica de ser o divisor de dois mundos ao mesmo tempo que pode representar também a união deles. A loucura não está mais dissociada do homem, ao contrário, ela faz parte dele de forma inconsciente. Através de uma

perspectiva renascentista, a loucura de Quixote não é mais algo profano mas sim libertário, pois nela temos as projeções imagéticas que criticam veementemente um período de total crise vivido na Espanha.

Há a relação da loucura com o consciente e inconsciente do homem, ressalta-se que essa concepção que teve início na passagem da Idade Média para Renascença ainda pode ser encontrada na contemporaneidade. Em *O Andaluz*, a narrativa encontra-se em dois planos e assim como Quixote há uma representação entre o real e o imaginário. O espaço na narrativa se situa no tempo pós-colonial e o espaço imagético que é proporcionado pela loucura de personagens como Andaluz e Lalina transportam o leitor ao período de colonização, o dialogismo “Trata-se da incorporação pelo enunciador da(s) voz(es) no enunciado” (FIORIN, 2016, p. 37). Um enunciado tem influências de vários outros discursos e isso mostra-se presente os elementos de um texto se interligam com outros textos, mesmo que de forma involuntária. Os textos ao apresentarem aspectos de outros textos e dependendo das características são classificados de paródia, intertextualidade, entre outros

## **2.1 A LOUCURA NO PERSONAGEM ANDALUZ E EM DOM QUIXOTE**

O personagem Tomás de Aquino sente uma inquietude ao observar o Andaluz, “Vejo este homem sempre assim: quase sempre imóvel e introspectivo. Ele passa horas a fio sob a única palmeira-imperial [...] Este homem, dizem por aqui, é um mendigo. Um louco.” (NOGUEIRA, 2012, p. 9). Os cidadãos de Vila Bela da Rainha dão uma denominação para o personagem, ele é só mais um excluído do meio social, o Andaluz que mesmo em silêncio deixa os moradores incomodados, pois sua presença causa transtornos. A partir dessa afirmação, podem ser direcionados numerosos motivos e ações que contribuiram para haver a relação do personagem a loucura. O seu silêncio e suas simples ações atingem as camadas profundas de Tomás de Aquino e de outros moradores. Observa-se que na narrativa não é apenas o Andaluz que tem como característica da loucura, pois nessa cidade é comum deparar-se com personagens excluídos,

- Há muitos loucos nesta cidade, porém não os vejo incomodar ninguém, senhor prefeito- insisti.

- Não incomodam, mas enfeiam a cidade, senhor Tomás. Há lugares mais apropriados para os loucos. Aqui eles tiram o sossego dos sãos e afugentam os turistas. E assim espantam o dinheiro salientou.” (NOGUEIRA, 2012, p. 22)

Os seres considerados normais acabam por distanciarem sãos e loucos, pois “[...] o louco é entregue ao fluxo das águas, ao sabor das marés, ao vaivém das naus, perambulando por outras plagas sua permanente ameaça” (MARIA, 2005, p. 18). Não é apenas o personagem Andaluz que possui os aspectos da loucura ao contrário existem mais personagens como Lalina e Tibinga. O oposto da obra de Cervantes que tem apenas um personagem com a loucura que é o Dom Quixote. A questão da loucura no personagem Tibinga é bastante interessante, pois não está ligada a fatores patológicos mas sim comportamentais, pois Tibinga é “Alcoólatra, sorriso frouxo, balbucia palavras que, para os ditos sãos, nada significam. É um homem de feição rústica, frequentador dos botecos da cidade. Não ataca se quer uma mosca.” (NOGUEIRA, 2012, p. 28). O médico dá um laudo constatando sua insanidade, mas o interessante é que ele também sofre com o alcoolismo.

Se em *O Andaluz* há dois espaços: a sociedade pós-colonial e a em colonização o mesmo ocorre em *Dom Quixote*: o primeiro é a sociedade medieval e a outra são as cenas reproduzidas por Dom Quixote a respeito das novelas de cavaleira esses espaços tanto na obra de Cervantes quanto a de Nogueira se encontram-se interligados. Ressalta-se que a relação de Quixote e sua loucura tem em grandes partes os conflitos da existência, pois

[...] mergulhado no seu sonho louco, luta pelo passado de glórias e recusa-se a enxergar sua realidade prosaica, tendência regressiva que, segundo a psicanálise contemporânea, está presente em certo grau em qualquer pessoa mentalmente sadia ou não” (MARIA, 2005, p. 63)

Quixote é um homem já em idade avançada que possui ideologias opostas ao seu meio, compreende-se em Quixote a apropriação de um cenário imaginário para fugir da triste verdade de sua época e junto a isso a temática loucura é neste caso uma estratégia de criticar alguns comportamentos presentes naquele contexto. Existe logo de imediato a perda da razão que representaria a libertação.

A narrativa de Cervantes ao girar em torno de um personagem, Dom Quixote, que em leitura constante com livros de cavalaria e “[...] do pouco dormir e do muito ler, se lhe secou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo” (CERVANTES, 2003, p. 32), o personagem perde a razão e adentra na loucura, Quixote adquire uma nova visão de mundo, um novo olhar, o olhar de um louco.

Maria observa que “[...] mesmo guardando o ridículo inerente a sua tolice e insanidade mostra traços tão desconcertantes do que é comum a todo homem que desperta profunda empatia por parte do leitor” (MARIA, 2005, p. 63). Há em Quixote um personagem em conflito direto com sua existência, uma relação com seu eu, sendo algo interior, não se trata mais de uma perspectiva externa, mas sim uma relação direta com as camadas do seu inconsciente, ele passa a maior parte do seu tempo no mundo da ficção.

É possível constatar alguns aspectos que possibilitam diálogos em obras distintas, “Quando predomina o discurso dialógico já não há denominação absoluta de uma ideia, mas sim o discurso de ideias.” (GONÇALVES, 2012, p. 13). Um discurso dialoga com outro, de forma que pode ser mostrado a relação e influências de textos em outros textos mesmo que essa influência surja de forma involuntária. Nessa perspectiva da relação do homem com sua consciência, com sua existência presente no discurso de Dom Quixote, encontra-se em diálogo com a obra *O Andaluz* no momento em que Tomás de Aquino e Andaluz.

Em *O Andaluz* os considerados loucos nas fontes psíquicas do imaginário tornaram-se apenas um, isso é evidência no capítulo intitulado “*Aqui nos encontramos, aqui iremos nos separar*” quando Tomás de Aquino recebe uma carta em que em um trecho diz “A loucura é um pedaço de nós que se rebelou contra a normalidade. O Andaluz, esse cavaleiro introspectivo, é você mesmo. Acredite!” (NOGUEIRA, 2012, p. 16). O personagem passa a observar os seus comportamentos perante ações destinadas pelos cidadãos de Vila Bela da Rainha e constatar a sua indiferença em relação ao pensamento daqueles membros da comunidade. A loucura que os cidadãos acreditavam ser a prisão dos loucos da cidade é na verdade a libertação do seu eu interno.

Dom Quixote em uma perspectiva renascentista representa o homem como o centro da existência, ele vive entre o real que de uma sociedade completamente desestruturada e o imaginário do ideal de sociedade medieval com damas e cavaleiros. Ao criar esse mundo ideal, o personagem escolhe pessoas que não possuem sangue nobre para participar, pessoas comuns como a lavradora Aldonça Lourenço a qual ele chama posteriormente de sua dama,

[...] havia certa moça lavradora de muito bom parecer, de quem ele em tempos andara enamorado, ainda que, segundo se entende, ela nunca o soube, nem tal desconfiou. Chamava-se Aldonça Lourenço[...] desses seus ares de princesa e grã-senhora, veio chama-la de “Dulcinéia del Teboso” (CERVANTES, 2002, p. 34)

Dom Quixote transforma mulheres da noite em dama e homens simples em cavalheiros, pessoas pobres eram personagens da nobreza em sua imaginação. Para Quixote as personagens exerciam funções de grande importância, Aldonça Lourenço era sua dama e Sancho Pança seu fiel escudeiro, ambos os personagens não passavam de simples trabalhadores, camponeses.

Quixote possuía também a honra de um guerreiro e ao ter noção disso, o personagem de forma irracional seguia na missão de levar proteção aos menos favorecidos e acabar com as injustiças, o mundo imaginado por Dom Quixote se distanciava muito do mundo que aquela sociedade vivia,

[...] não quis retardar mais o pôr em efeito o seu pensamento, estimulando-o a lembrança da falta que estava já fazendo ao mundo a sua tardança, segundo eram os agravos que pensava em desfazer, sem-razões que endireitar, injustiças que reprimir, abusos que melhorar, e dividas que satisfazer. (CERVANTES, 2002, p. 34)

Não era tarde para o personagem para corrigir os erros da sociedade em que estava inserido. O uso da temática loucura ocorre na tentativa de expor o homem e suas relações internas, pois Quixote para fugir da sua realidade falha, o personagem cria uma realidade totalmente inversa, luta com adversários criados em sua imaginação como a luta contra os moinhos de vento,

Quando nisto iam, descobriram trinta ou quarenta moinhos de vento que há naquele campo. Assim que Dom Quixote os viu, disse para o esculdeiro:

- A aventura vai encaminhando os nossos negócios melhor do que soubemos desejar; porque, vês ali amigo Sancho Pança, onde ser descobrem trintas ou mais desaforados gigantes, com quem penso fazer batalha, e tirarlhes a todos as vidas, e com cujos despojos começaremos a enriquecer; que esta é boa guerra e bom serviço faz a Deus quem tira tão má raça da face da terra.

- Quais gigantes? – disse Sancho Pança.

- Aqueles que ali vês – respondeu o amo -, de braços tão compridos, que alguns os tem de quase duas léguas.

- Olhe bem Vossa Mercê – disse o escudeiro -, que aquilo não são gigantes, são moinhos de vento; e o que parecem braços não são senão as velas, que tocadas do vento fazem trabalhar as mós. (CERVANTES, 2002, p. 59)

Dom Quixote assemelha os moinhos de ventos a homens em uma batalha, mas seu escudeiro Sancho Pança incumbido de razão renega essa ideia. De um lado temos um homem movido pela loucura que é Quixote e de outro um movido pela razão que é Sancho Pança, há uma dualidade, razão e loucura, mas ressalta-se que a narrativa sendo uma parodia contém na temática loucura traços cômicos, a “[...] a obra superou esse perigo

com o seu enlace inescrutavelmente profundo radiantemente sensível entre divindade e loucura na obra de Cervantes”(LUKÁCS, 2009, 103) tem-se a concepção de loucura apresentada por Rotterdam, a loucura de Quixote gerada por sua imaginação provoca o riso no leitor.

A irracionalidade de Dom Quixote em relação aos moinhos de vento gera uma comicidade, a figura humana em sua fragilidade é demonstrada na falta de bom senso de Quixote. Ressalta-se que essa transgressão da racionalidade gera no personagem a liberdade. Tem-se o que Erasmo de Rotterdam defende que a loucura com liberdade. A liberdade talvez seja um ponto crucial ao se tratar da loucura de Quixote. Ressalta-se que em contraposição da loucura de Dom Quixote há a razão de Sancho Pança. Quixote não vê a realidade a sua frente, ela as modifica. A obra *Dom Quixote de La Mancha* é uma paródia de “[...] cavalaria interactua com sátira daquele que acha que semelhante a heroicização na literatura é transferível na vida real” (HUTCHEON, 1985, p. 38). Através da imitação das novelas de cavalaria, Cervantes direciona a trama a eventos cotidianos fugindo o do que era divino, “Da união do romance de cavalaria com um novo interesse literário pelo realismo quotidiano surgiu *Dom Quixote* e o romance, tal como o conhecemos hoje” (HUTCHEON, 1985, p. 50).

A obra de Cervantes foi um dos primeiros romances em *A Teoria do Romance* (2009) de Georg Lukács há uma discussão a respeito das estruturas do romance de Cervantes evidenciando o que o teórico chama de Idealismo Abstrato e a partir da ideia do homem em sua relação direta com sua psique, “*Dom Quixote* o fundamento de toda a aventura era a certeza íntima do herói e a atitude inadequada do mundo em relação a ela.” (LUKÁCS, 2009, 103). Era preciso Quixote acreditar em algo, pois a sociedade em que vivia não era compatível com seus pensamentos, sua loucura permite questionar o seu espaço, mas sua incapacidade enquanto ser humano não permite modificar aquele cenário. A loucura de Dom Quixote em sua forma cômica tinha a função de desmascarar os homens perante seus problemas existenciais.

Os comportamentos do personagem não estão ligados ao cristianismo e não há misticismo em *Dom Quixote de La Mancha* a temática da loucura foge disso e adentra nos que stionamentos que o homem renascentista passa a fazer, pois “[...] o mais puro heroísmo tem de torna-se grotesco e que a fé mais arraigada tem de torna-se loucura quanto um caminho para uma pátria transcendental tonaram-se intransitáveis” (LUKÁCS, 2009, 107).

Em Quixote há uma retratação do período feudal e dos conflitos internos, “[...] de um lado, os ideais e declínios da glória feudal, o orgulho e a honra dos fidalgos; de outros o aburguesantes e ascendentes práticas da poupança” (MARIA, 2005, p. 63). É o homem em seu estado anormal que a partir da loucura contém em si ações transgressões, Quixote não consegue enxergar sua realidade.

Ao basear-se nas ideias de Rotterdam, Cervantes cobra em *Dom Quixote* um espaço para loucura, não mais como algo pagão, mas como uma temática literária que possibilite a crítica, a temática loucura é um recurso literário para desmascarar as condutas de uma sociedade em conflitos, pode-se relacionar os desvios de conduta com obra *O Andaluz*, pois “Nem os apelos histéricos do “Encomendado de Almas”, o prometido pastor cristão que promete vida eterna (nos céus) aos que lhe encham o bolso de dinheiro e quinquilharias” (NOGUEIRA, 2012, p. 12), ou seja a prudência não adentra nos comportamentos do personagem. Esse trecho mostra claramente a desapropriação de um louco a condutas sociais, pois “Andaluz atravessa incólume a voz pastoral” (NOGUEIRA, 2012, p. 12), o personagem não se desconcentra da atividade de rabiscar suas folhas e nem se importa com os que estão incomodados. Nem tão pouco solicita um espaço no céu.

Esse desligamento aos preceitos religiosos podem assinalar uma loucura libertadora, Andaluz não é prudente, pois “É tão prudente ter prudência perniciosa quanto é insano ter uma sabedoria deslocada”(ROTTERDAM, 2006, p. 43). Não ter relação com os preceitos divinos e menosprezar os ditos evangélicos na obra, possibilita distanciar-se das crenças e costumes de personagens como o prefeito. Compara-se esse aspecto com o presente na obra de Cervantes, pois não tem elo com fontes do divino profundo, pois existe um ideal renascentista.

## **2.2 A REPRESENTAÇÃO DO NAU DOS LOUCOS EM *DOM QUIXOTE* E EM *O ANDALUZ*.**

A obra *O Andaluz*(2012) faz uma retomada às diferentes concepções da loucura, uma das abordadas nessa análise nos remete ao século XVI, especificamente no período da Renascença com o intuito de lançar-se na obra um estilo de reprodução dos comportamentos arcaicos que foram inferidos aos loucos. Em sentido metafórico, a prática de embarcar loucos em navios de carga para um novo mundo é uma viagem que

ocorre pelos rios do nosso inconsciente. Ocorre viagem simbólica que tem como objetivo representar as falhas de conduta humana,

A imaginação leva-me a acreditar que essa embarcação que conduz sãos e loucos pode ser nosso elo, pois a água e a loucura possuem uma velha aliança: elas abrigam e dão vida aos rejeitados pelos padrões da consciência (NOGUEIRA, 2012, p. 10)

O personagem Tomás de Aquino faz uma relação com o Andaluz utilizando a metáfora dos navios dos loucos que teve seu “[...] aparecimento na paisagem imaginária da Renascença; e nela, logo ocupará lugar privilegiado: é a Nau dos Loucos, estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos. (FOUCAULT, 1978, p. 12-14). A loucura neste ponto mantém relação com a existência em fontes psíquicas em fontes dialógicas, pois quando o escritor Wilson Nogueira denomina o nome de Tomás de Aquino à uma relação com o filósofo que discutiu em seus estudos da racionalidade a fé cristã, direciona-se sua percepção do homem baseados na relação do homem com sua alma.

O personagem Tomás de Aquino traz discursos sobre a loucura e reflexões, é importante observar que Andaluz e Tomás de Aquino encontram-se compartilhando do mesmo problema são passageiros rejeitados pelos padrões da sociedade de Vila Bela da Rainha, ressalta-se que esse nome fictício faz relação a cidade de Parintins que já teve o nome de Vila Bela da Imperatriz e Vila Nova da Rainha, o escritor faz a junção dos nomes para denominar a cidade dos loucos, na cidade ocorre o mesmo tratamento ao no século XV em que eles “Eram freqüentemente confiados a barqueiros [...] Freqüentemente as cidades da Europa viam essas naus de loucos atracar em seus portos” (FOUCAULT, 1978, p. 13-14). A loucura é um instrumento de união entre os personagens e uma forma de consolidação do homem frente aos seus problemas existenciais.

Andaluz e Tomás de Aquino são estrangeiros que desembarcaram em um navio de linha “[...] infinitos portos. Poderíamos ter desembarcado e, qualquer um deles. Seríamos leprosos do mundo medieval, os portadores venerais do mundo clássico ou os loucos varridos da modernidade.” (NOGUEIRA, 2012, p. 24). Salienta-se a riqueza na construção de Wilson Nogueira que possibilita o retorno de concepções arcaicas relacionadas a loucura, pois antes da loucura surge como um grave problema de ordem pública, a lepra era o problema enfrentado pela população da Idade Média e foi responsável por isolar dezenas de pessoas doentes, mas “Ao final da Idade Média, a lepra

des aparece do mundo ocidental” (FOUCAULT, 1978, p. 7), então, é a loucura surge como o novo grave problema de ordem pública, o personagem Tomás de Aquino, leproso ou não, nos faz recobrar a questão do isolamento da população.

O isolamento é bem enfatizado quando é decretado a expulsão dos loucos da cidade, Tomás de Aquino contesta a decisão do prefeito da cidade de Vila Bela da Rainha em enviar os loucos em um navio de carga, o prefeito responde

- Se a sua preocupação é com o provável desaparecimento dessas criaturas, fique tranquilo: elas retornam sempre em dobro após a temporada dos milionários. Isso é sempre assim. Isso acontece desde a Idade Média” (NOGUEIRA, 2012, p. 23).

A quebra das normas vigentes por parte de alguns personagens da narrativa resulta na expulsão da cidade pelos navios, pois como observa Maria “[...] os padrões de normalidade exigem cumprimento eficiente e não há espaço para aqueles que transgridem” (2005, p. 18). O tratamento dado aos loucos de Vila Bela da Rainha é o mesmo que encontra-se presentes desde a Idade Média, esses tratamentos perpassam os séculos. O prefeito ao tomar essas providencias reproduz comportamentos arcaicos.

Assim como Nogueira que reproduz em *O Andaluz* o mito da Nave dos loucos que mexeu com o imaginário dos escritores e influenciou em diversas construções literárias. No capítulo XXIX da obra de Cervantes, intitulado *Da famosa aventura do barco encantado* evidencia-se a relação do louco com as embarcações “Caminhando, pois, deste modo, ofereceu-lhe à vista uma pequena barca, sem remos nem velas, que estava amarrada na praia a um tronco de uma árvore” (CERVANTES, 2002, p. 479). Não existe remos, não existe vela, não existe destino e Quixote com sua loucura imagina-se um passageiro que será conduzido pelo rio Ebro só pelas correntezas.

A insanidade de Quixote, o fez correr grande perigo, pois ao desatar o nó e ir para o rio sem direção Dom Quixote e Sancho Pança acabaram sendo levados para um redemoinho e foram salvos pelos pescadores e moleiros que “[...] não eram capazes de perceber as perguntas de Dom Quixote; e, tendo-os por loucos, deixaram-nos, e recolheram-se os moleiros para a sua azenha, e os pescadores para as suas choças” (CERVANTES, 2002, 483). O julgamento de Quixote e Sancho Pança pela população de Mancha é inevitável, eles são loucos. A barca em que Quixote e seu fiel escudeiro era mais do que algo concreto, ela seria a representação dos problemas sociais.

Os ritos pagãos surgem no decorrer da narrativa de *O Andaluz*, pois existe a presença do folclore. O folclore por muito tempo foi considerado uma festa pagã diante dos membros da religião cristã por unir loucos e sãos, por acumular ações consideradas mundanas. No capítulo intitulado “Dança dos loucos” temos a reprodução dessa festa só que em Vila Bela da Rainha e não mais na Idade Média,

Andaluz acena serenamente para as arquibancadas, destoando um pouco dos demais ocupantes da nau, que dançam. À medida que a embarcação estiliza-se, podemos identificar, um por um, os loucos que partiram no navio-gaiola, todos vestidos com roupas de marinheiro. Andaluz ostenta os paramentos de autoridade da armada espanhola” (NOGUEIRA, 2012, p. 122)

Na cidade de Vila Bela da Rainha começa o festival dos bumbás, uma festa profana em que a população cai em pecado e encontra nesses dias festivos a liberdade. A loucura está relacionada com os ritos festivos, a temática possibilita a união entre diferentes pessoas. A loucura tem neste momento a mesma função que tinha nas festas burlescas da Idade Média, pois ainda representa um recurso de suma importância presentes no ato de profanação,

Enquanto a cena se desenvolve, há no ambiente uma comunhão de extravasamento de emoção entre espectadores e brincantes. Aliás, é praticamente impossível distinguir-se, nesse momento, que são os espectadores, quem são os brincantes, que são os sãos, quem são os loucos” (NOGUEIRA, 2012, p. 122-123)

A reprodução de eventos que remetem ao período de colonização e despertam o imaginário através de fontes internas, o personagem Andaluz reproduz junto aos outros loucos na arena o período de colonização.

Quando a nau se põe no centro do teatro, Andaluz e seus homens são atacados por dezenas de mulheres guerreiras, as Amazonas, que surgem do meio das tribos indígenas distribuídas, em coreografia, na margem circular da arena. O locutor anuncia que as índias são comandadas pela grande chefe Amurians.

Ranzo gíria eufórico:

- Tomás, Amurians é a Lalina, homem! (NOGUEIRA, 2012, p. 122)

Não se tem mais nesse ponto da narrativa distinções das figuras que eram consideradas loucas, pois o folclore elimina a ideia de exclusão e critérios de loucura. Na arena Andaluz torna-se um cavaleiro, pois no palco realidade e ficção se mesclam e os personagens unem-se para brincar, diverte-se e aproveitar a liberdade festiva que lhe são

oferecidas. O nau dos loucos vem para desvendar os mistérios do homem, as suas histórias, ele é a barca que une os sãos e loucos.

Há um discurso que está sendo direcionado as construções literárias, pois “Essa concepção do *outro* não se aplica necessariamente a um sujeito concreto, a um indivíduo específico, mas pode vir revestida por uma representação abstrata de um determinado conceito” (GONÇALVES, 2012, p. 14). Em uma obra literária pode ser encontrado elementos que tecem um pensamento ideológico intencional, por exemplo, quando se tem uma temática como a loucura e sua relação com o Navio dos loucos tema presente tanto em Dom Quixote quanto em o Andaluz pode ser observado os aspectos predominantes e as características que eles assumem.

### **2.3 LALINA E O LUNATISMO**

O dialogismo permite que se tenha um estudo mais aprofundado sobre o interior da narrativa no sentido de compreender as intenções dos personagens em diálogo com outros personagens, pois para Bakhtin, essa troca de informações entre os personagens não é involuntária, pois escritor recebe influência do meio social, “Na ótica do dialogismo, a consciência não é o produto de um eu isolado, mas a interação e do convívio entre muitas consciências, que participam desse convívio com iguais direitos como *personas*” (BAKHTIN, 2010, p. XXII). O diálogo a personagem Lalina e o ritual da lua possui relação com a cultura e o homem, não se trata mais do campo histórico ou literária, mas sim das relações que se podem ter no interior do discurso.

A intenção de Nogueira é reproduzir uma concepção da loucura que perpassou o tempo perdendo seu prestígio no fim do século XVII, é a relação do louco com a lua. Ao colocar a loucura da personagem Lalina em discussão, relaciona-se a questão da loucura há uma outra concepção, a de que “A loucura deveria provir na influência da lua sobre o comportamento humano” (MARIA, 2005, p. 49). Nessa perspectiva ela estava relacionada com os astros e por isso o surgimento da expressão lunático.

No capítulo intitulado *Dança da lua* conta o ritual feito pela louca Lalina, o perfil da personagem é uma “Mulher dançarina e contempladora dos rios que cercam a ilha que abriga Vila Bela da Rainha” (NOGUEIRA, 2012, p. 29). A louca tem uma aproximação

com a lua, pois a personagem só executa suas danças místicas em período de luar, pois ela encontra-se sobre influência da lua,

No centro do círculo humano, debaixo do buritizeiro, ela risca o chão e corta o ar com uma enorme lâmina sem compaixão. Faíscas reluzentes, de cores variadas, estilhaçam-se no ar. Seus olhos reluzem, reluzem! Seu corpo gira, gira! É incansável essa dança. Dizem os *cristãos* daqui que se trata de uma encarnação de demônios da floresta que lhe sequestram a consciência. Outros sustentam que Lalina temo juízo afetado pela força da lua nova. (NOGUEIRA, 2012, p. 54).

Existiu durante muitos séculos a concepção de relacionar diferentes comportamentos insanos com o período de lua, mas essa concepção perdeu força em meados do século XVIII. Essa visão surge na Grécia, mas especificamente com a deusa Luna, a partir disso surgiu o conceito de lunatismo que “[...] era tema constante nunca contestado, no século XVI [...] a Lua é citada entre as causas, mesmo acessórias ou adjuvantes, da loucura” (FOUCAULT, 1978, p. 247). A narrativa de Nogueira, a personagem relaciona-se de forma místicas, a lua mostra suas influências sobre o ser humana em sua existência.

Há a relação de Lalina as fontes místicas, isso é narrado por Tomás de Aquino, “Hoje ela começou o ritual após a boca da noite, quando lua surgia atrás da floresta. Extasio-me com esse momento transcendental. Constato que minha racionalidade achata-se diante dos signos dos insanos” (NOGUEIRA, 2012, p. 54). É observado a relação de Lalina com o lunatismo e seus hábitos que eram considerados profanos diante dos cidadãos de Vila Bela da Rainha, mas que no decorrer do ritual causavam sensações sobrenaturais no público. Através da insanidade de Lalina e sua relação com a lua é possível explorar os traços da índia e a resistência ao período de colonização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a publicação de *Elogio da Loucura* de Erasmo de Rotterdam houve muitas obras posteriores que surgiram com a temática da loucura. Podemos encontra-la como temáticas de obras renascentista como é o caso de *Dom Quixote de La Mancha* ou na literatura contemporânea a exemplo *O Andaluz* de Wilson Nogueira. São obras distintas, pois a obra de Nogueira foi publicada em 2005 e não possui muita visibilidade, enquanto a de Cervantes é datada de 1605 e 1615 e tem reconhecimento mundial. Sob pano de

fundo tem-se em comum a temática loucura e na perspectiva dialógica formulou-se um estudo comparativo entre as obras.

A temática da loucura presente em *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel de Cervantes e *O Andaluz* de Wilson Nogueira possuem vertente de pensamento iguais e opostos são elementos que tecem um diálogo. Existem junções de percepção de loucura, *O Andaluz* (2005) possibilita fazer viagens por lugares nunca explorados pelo homem, o espaço de memória e reflexão, em sua vida projetada por sua imaginação. A ideia da loucura como instrumento de libertação surge na passagem da Idade Média para a Renascença e alguns aspectos disso podem ser encontrados em *O Andaluz* de forma a dialoga-la com a obra de Cervantes, observa-se que a característica da loucura renascentista é a queda de máscaras e a exposição do ser humano em sua real figura.

Os personagens de Nogueira trazem em seu comportamento memórias da época de colonização e do triunfo vivido pelos cavaleiros de Andaluzia, pois há um retorno ao período de colonização. No entanto deve ser ressaltado que a loucura como temática literária da obra de Nogueira é uma das características de personagens como Andaluz responsável por suas ações.

A temática da loucura em obras distintas podem proporcionar uma análise comparativa através do dialogismo que evidencia a relação de discurso literários em obras de séculos diferentes, pode ser elementos semelhantes, mas também diferente. É possível observar que através da loucura, o personagem Quixote cria uma aversão a realidade, pois ele não aceitava o declínio feudal remetendo por fontes imagéticas o leitor ao período de glória medieval. Já o personagem Andaluz remete ao período colonial, pode se perceber com isso, o deslocamento que a loucura pode acarretar no tempo e espaço.

A loucura é uma temática abrangente por possuir diferentes visões sendo alterada através dos tempos. Não se pretendeu analisar apenas os personagens principais da obra de Cervantes e Nogueira ao contrário o que estava em evidencia era a utilização da loucura. O tempo é um dos pontos de contato entre as obras, pois a loucura dos personagens possibilita uma retomada ao passado de glórias e de aventura. A loucura tanto em *Dom Quixote de La Mancha* quando em *O Andaluz* é utiliza como elemento de fuga e como composição literária com enfoque aos problemas sociais. A sociedade em que loucos como Dom Quixote, Andaluz, Lalina e Tibinga viviam não condiziam com o que os personagens acreditavam.

Essa pesquisa evidenciou a temática da loucura e sua utilização na obra *O Andaluz* de Nogueira em comparação com *Dom Quixote* de Cervantes, a partir das concepções de

loucura pode ser encontrado nas obras e comparadas a utilização da metáfora do navio dos loucos, os comportamentos insanos dos personagens Andaluz e Quixote que se mesclam entre real e imaginário, bem como o lunatismo presente no comportamento da personagem Lalina, pois sua insanidade advém de sua relação com lua. Contudo, este estudo proporcionou uma visibilidade a construção literária de Nogueira que não possui muito estudo.

## REFERENCIAS

ANJOS, Sônia Aparecida dos. **Medeia em seus espelhos: figurações do *phármakon* em Eurípides**, Nelson Rodrigues e José Triana, 2014.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994.

BAKHTIN, M.M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelai**; Tradução de Yara Fratechi Vieira. – São Paulo: Hucite; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BAKHTIN, M.M. **Problemas da poética de Dostoiévsk**, tradução direta do russo, notas e prefácios de Paulo Bezerra. 5º ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. / Lima Barreto. – Manaus: Editora Valer, 2010.

CERVANTES, Miguel de Saavedra. **Dom Quixote de La Mancha**, trad. Visconde de Castilho e Azavedo, São Paulo: Nova Cultura, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**, São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo. Editora perspectiva s. A, 1978.

GIANNATTASIO, Gabriel. **Sade, um anjo negro da modernidade**. Curitiba, 1998.

GONÇALVES, Rogerio Gustavo. **Dialogismo e Ironia em São Bernardo de Graciliano Ramos**, São Paulo, Editora: Unesp, 2012.

GOMES, Roberto. **O Alienista: loucura, poder e ciência**. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 145-160, 1993 (editado em nov. 1994).

JAVORSKI, Maureen Elina. **Uma queixa de galanteio: relações freiráticas em Gregório de Matos e Guerra**. Curitiba, 2014.

LIMA, Márcio José Silva. **História da loucura na obra “O alienista” de Machado de Assis: discurso, identidades e exclusão no século XIX**, Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Número 18 –setembro de 2011.

LIMA, Samuel Anderson de Oliveira. **Gregório de Matos do barroco à antropofagia**. – Natal, RN : EDUFRN, 2016.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**; Tradução, posfácios e notas de José Marcos Mariani de Macedo. – São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

MAIA, Gleidys Meyre da Silva. **Ri melhor quem ri por último? : O riso modernista e a tradição literária brasileira** / Gleidys Meyre da Silva Maia. – 2006.

MARIA, Luzia de. **Sortilégios do Averso: razão e loucura na Literatura Brasileira.** – São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

MATIAS, Kamilla Dantas. **A Loucura na Idade Média. Ensaio sobre algumas representações.** Universidade de Coimbra, 2015.

MATOS, Gregório de Matos. **Poemas.** 2º ed. Manaus, Editora Veler, 2014.

MATOS, Gregório de. **Poemas escolhidos**, seleção e organização José Miguel Wisnik – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MODENESI, Jean Camon. **O Dom Quixote de Foucault**, Rio de Janeiro, E-papers Serviços Editoriais, Ltda., 2003.

MORAIS, Mario Ribeiro. **Da boca de cronos à pena de Gregório: o texto efêmero se eterniza**, Anais do I Simpósio de Linguística, Literatura e Ensino do Tocantins, Araguaína TO, 2013.

NOGUEIRA, Stefani Arrais, **“O divino” versus o Dinino: O Marquês de Sade e a crítica à religião.** Curitiba, 2008.

NOGUEIRA, Wilson. **O Andaluz.** 2 edição. – Manaus: Editora Valer, 2012.

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura.** São Paulo: Rideel, 2003.

**Poesia Satírica, Gregório de Matos**, in [www.literaturapiau.com.br](http://www.literaturapiau.com.br) Documento na WEB. Acessado em 06/06/2017.

## **OBRAS CONSULTADAS**

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.